

## Cresce a distribuição de renda

(Adriana Chiarini)

Levantamento da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que a classe E diminuiu 1,5% no ano passado



Néri: "Existe tendência à expansão"

Da Agência Estado

O conjunto das classes A e B foi o mais atingido pela crise econômica inicialmente, mas também foi o que mais cresceu no ano passado, terminando o ano 2% superior a dezembro de 2008, de acordo com o economista-chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), Marcelo Néri. A classe C terminou o ano com redução de 0,4% ante dezembro de 2008. A classe D aumentou 1,4% e a E caiu 1,5% no período.

Neri vê tendência ao crescimento e melhor distribuição de renda este ano. "Existe certa tendência à expansão porque acho que os empresários superestimaram a crise", afirmou. Ele também argumentou que a base do ano passado é baixa, o que ajuda a ter resultados estatísticos melhores. Além disso, lembrou as eleições e que existe um ciclo político que, em anos eleitorais, faz a renda aumentar e a distribuição melhorar.

O economista considerou preocupante a perda de 415 mil empregos em dezembro, registrados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e entende que isso deve ter tido efeitos negativos na renda em janeiro deste ano, assim como, comparou, a queda de emprego em dezembro de 2008 fez a crise atingir em cheio os bolsos dos brasileiros em janeiro de 2009. "O começo do ano é mais delicado por causa da perda de emprego em dezembro", disse.

Em 2009, segundo o economista, a crise se deu em janeiro e, a partir daí, o ano mostrou recuperação. Em janeiro do ano passado, todas as classes de renda pioraram significativamente em relação a dezembro nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil. O conjunto das classes A e B caiu 2,7%. A classe C diminuiu 2,2% e as classes mais baixas aumentaram: a classe D subiu 3% e a classe E, 6,7%. Os dados foram elaborados pela FGV com base na pesquisa mensal de emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois de janeiro, porém, o ano foi de recuperação e terminou relativamente bem em relação a outros países.

"A crise no Brasil não foi tsunami nem marolinha, mas uma ressaca pesada em janeiro com recomposição depois". Ele avalia que o pior momento no Brasil já passou, a não ser que haja um movimento de "W", de volta a uma nova crise, mas que considera que não é a tendência.

De acordo com Neri, a crise representou uma parada súbita em um movimento muito positivo de redução da pobreza e aumento da classe média verificado entre 2003 e 2008. Se o ritmo daquele período se repetir entre 2010 e 2014, a classe E, a mais pobre, cairia pela metade e a classe AB teria um aumento de 50%.